

IMAGINAÇÃO: LANTERNA DA ALMA, relato sobre o texto da professora Gilka Girardello, *A imaginação no contexto da recepção*.

Lisa França

A professora Gilka Girardello faz um passeio sobre o papel da imaginação na cultura da mídia, que muito me estimulou. A reflexão de Luhmann citada pela autora, de que a imaginação ocupa o lugar da religião na contemporaneidade, “um instrumento para entender o que não se entende” acena para o que tem sido o papel da religião e da mitologia na nossa história. O homem encontrou na imaginação uma estrutura para aplacar a angústia. A angústia que sentimos pela orfandade. Pela solidão, pelo desconhecido. É esta angústia que move o mundo, a nossa cultura nasce da imaginação.

Lévi-Strauss, sábio e obstinado antropólogo se confessou profundamente intrigado pela opção das culturas num determinado momento de sua evolução. Para ele, algumas culturas optaram pelo caminho do conhecimento científico e outras pelo caminho do conhecimento mágico. Que ele sempre entendeu assim, como conhecimentos, que ocupam lugares distintos, mas nem por isto, superior ao outro. Afinal tanto o conhecimento científico como o conhecimento mágico são caminhos que buscamos para entender o mundo, nossa peregrinação em busca do pai.

Utilizo a figura do pai, como o subjetivo presente porque a mãe é sempre mais concreta. A mãe não precisa ser inventada. Talvez esta compreensão coletiva é que leva tantas culturas a identificar a natureza como nossa mãe. A que nos abriga, a que nos acolhe, o útero materno onde nos foi possível nascer, o seio onde nos é possível ser alimentados. Por causa desta identificação tão genuína do homem com a natureza a busca é pelo pai. Este ser fugidio e imaginário, o autor da proeza, o dono da semente, do sopro da vida.

Agora quando avançamos tanto no conhecimento científico, quando a maioria das culturas abandonou o pensamento mágico e o que é mais determinante, quando a cultura científica e tecnológica praticamente elimina as outras pelo genocídio histórico e presente, é muito interessante recorrer mais uma vez à imaginação como possibilidade do novo, do criativo. Este tem sido o papel da arte na nossa cultura. A imaginação criativa que possibilita o arejamento da nossa cultura, que indica mudanças de rumo ao lado do progresso científico. A ação pode nascer da razão, pode vir da lógica, mas a idéia vem da

imaginação, do sonho. Daquele espaço entre o céu e a terra. Entre o pai e a mãe. Entre a realidade e a música imaginária que a embala. Me emocionou a autora ir buscar na reflexão psicanalítica de Elliot e Frosh um eco à esta questão. A necessidade de recorrermos à imaginação para nos permitir um futuro alternativo.

A questão me parece muito relevante no momento em que todo nosso modelo civilizatório está em crise. Quando acompanhamos estarecidos a deterioração do meio ambiente, quando matamos a mãe, nós eternos bebês, sem condições de sobreviver longe do seio materno. Um modelo alternativo, uma mudança de rumo na civilização não é hoje uma questão de ideologia ou política, trata-se de sobrevivência mesmo da espécie. O que fazer agora depois que envenenamos nossos rios, nossos mares, nosso ar, nosso sopro de vida? Onde está o norte?

Nos esquecemos da mãe. A busca da felicidade, do sucesso, do efêmero e a própria busca do pai, fez com que abandonássemos a mãe, nossa casa, nossa força, nossa energia. É preciso restabelecer o elo, encontrar a ética, mudar o modelo de vida. Mais uma vez o progresso científico, como no iluminismo nos passa uma rasteira. Mais uma vez nos assustamos com os monstros criados. No primeiro susto, vimos que não bastava a boa vontade, vimos o modelo político idealizado fracassar. No segundo susto vemos nosso modelo civilizatório, do mundo da vida também fracassar. Temos de retomar o contato com a fonte, encontrar o sentido da vida, principalmente na iminência de perdê-la.

Sabemos onde encontrar o conforto físico, material e também a vida prazerosa, o conforto da alma. Abrimos o quarto escuro. Encontramos o monstro, o barba azul, aprendemos a lidar com ele. Aprendemos como sanear a histeria, adequar a moral, as amarras inquisitórias da religião. Depois de decifrado o mal estar da civilização seríamos todos uma sociedade psicanalizada, uma sociedade resolvida, com mais possibilidades de ser feliz. Mas mais uma vez não aconteceu. Não só perdemos o lugar da alma neste modelo de civilização que criamos, como corremos o risco de perder o local do corpo. Há um estranhamento físico entre o homem e sua mãe. O ar envenena, a água mata, o alimento destrói.

A reflexão teórica da autora traz para o centro da questão o papel fundamental da Comunicação, deste fenômeno que transita entre o eu e o outro, entre a razão e o imaginário, entre o espaço próprio do desejo e da realidade. A cultura pós moderna, a

cultura que aliou o progresso técnico à arte. A indústria cinematográfica, a televisão pareciam ter chegado para ampliar nossos horizontes, nossos sonhos, nos levar cada vez mais longe, abrir possibilidades de um sistema cultural compartilhado. Não é à isto que assistimos. As grandes oportunidades de comunicação coletiva em vez de contribuir para expandir nossos horizontes vem conseguindo achatá-los, fechar caminhos e destruir esperanças, para impor uma só cultura, uma única estética, um modelo de corpo, uma única perspectiva de beleza e de narrativa. O que é uma pena.

Principalmente porque acreditamos na busca constante do elemento anímico. A autora comprova isto muito bem na transcrição do discurso das crianças. Bruno Bettelheim na sua obra belíssima, *A Psicanálise dos contos de Fadas*, comprova como as crianças buscam explicações nos contos e lendas para explicar seus conflitos internos, e estuda várias analogias como os ritos da iniciação, da passagem para o mundo adulto, do abandono dos pais.

Voltando a Lévi-Strauss, assistindo ao grande progresso da comunicação, ele profetizou que os meios de comunicação passariam a ocupar o papel dos mitos na explicação do mundo. Ao contrário de nossos antepassados, que explicação pobre e barata estamos criando. Que necessidade temos de recuperar esta grandeza para a comunicação. Não me estranha que a corrente mais sensível dos estudiosos da comunicação social, a que reverencia a mídia, a que a ama, a corrente que busca o elo com o receptor, contitui-se também no núcleo responsável pela luta pela TV pública, isto é para o acesso também à produção. E pública não da forma como está, tvs governamentais, ou concessões de governo, mas pública no sentido de serviço. De estar a serviço da informação, do alimento racional, essencial à sobrevivência social, mas também a serviço do sonho e da imaginação, do alimento anímico, porque é isto que a tv é, principalmente para pessoas sem outras possibilidades de contato com a arte, com a criação coletiva.

Interessante a autora ter ido buscar na criança o subsídio para a sua teoria. intuitivamente ela mostrou estar em sintonia com o pensamento contemporâneo que volta a apontar a criança como um objeto de estudo genuíno. Me impressionou uma amostragem recente feita pelo Instituto Ethos que em uma pesquisa sobre credibilidade na nossa sociedade apontou a criança como quem mais fala a verdade. 42% das 9.000 pessoas ouvidas no Brasil acham que a criança diz a verdade, esta palavra tão subjetiva, que num

entendimento racional talvez deixasse a criança em último lugar, já que elas sim, ainda vivem literalmente no mundo da imaginação, Aliás recorrem a ele para construir sua realidade e aplacar a própria angústia. Os professores tiveram 14% dos votos, abaixo dos padres que detiveram 21% de confiança na sua palavra. Os jornalistas ficaram com 7% e os políticos com 1%.

Gostaria de mudar um pouco o foco de minha reflexão e comentar informações da pesquisa da colega que me chamaram a atenção. Foge do eixo central, mas o tema é o mesmo: a palavra reveladora da imaginação, inflada pelo imaginário. Me comoveu muito o nome das crianças, a carga do imaginário dos pais que povoam estes nomes. A professora nos conta que na ilha, o ambiente analisado, toda uma geração só teve acesso à TV a partir da década de 90. Portanto aquelas crianças são filhas de quem teoricamente não convivia no seu cotidiano com a televisão, e podemos concluir que mesmo assim sofreram ações da globalização cultural permitida pela TV. Uma das crianças é Maycol, escrito numa língua própria com a letra y fora do alfabeto português imitando ainda a pronúncia literal do inglês. Os pais de Maycol não quiseram chamar o filho pelo nome dos avós, certamente, nem dos tios, nem deles próprios. No nome escolhido para o filho há um sonho de mudança. Será que o inspirador foi Michel Jackson, Michel Douglas, algum personagem de filme, entreouvido algum dia. Se não foi pela TV, poderá Ter sido a visita de um turista, visitante?

A menina Rosilei, também recebeu o nome de uma língua emprestada, imaginada, desejada e assim são os nomes de todas as crianças que aparecem na pesquisa, o afrancesado Gabriele, depois Camilly, com y e dois lls. Será que uma letra a mais, uma letra diferente pode garantir um futuro diferente? Pode impregnar na criança o charme do dominador?

Esta reflexão nos indica que se necessitamos urgentemente de uma nova estrutura civilizatória, ela tem de passar pela comunicação. E a comunicação tem de abrir espaço para a imaginação. A imaginação pode nos oferecer modelos alternativos. Modelos fora da lógica do senso comum, do pensamento hegemônico, da cultura do sucesso, do capitalismo selvagem. Que rompam com o colonialismo em todas as suas formas e com a força truculenta da dominação econômica e das armas.